

EDUCARE(TÊ): O DESPORTO COMO EXPRESSÃO DE VALORES¹

EDUCARE(TÊ): THE SPORT AS AN EXPRESSION OF VALUES

Alberto de Oliveira Monteiro*
Lucas Lopez da Cruz**

RESUMO

Neste novo milênio deparamo-nos com um mundo de transformações tecnológicas, com a impessoal globalização de mercados e com a (cada vez maior) velocidade de informação. O desporto, visto pela ótica da educação, tem a possibilidade de registrar experiências que marcam a formação do homem. Este estudo objetivou revelar os princípios da *aretê* (excelência) e da *paideia* que se encontram presentes no discurso de atletas (futebol), e aproveitamos para refletir sobre a possibilidade de o desporto se habilitar como agente pedagógico na promoção de uma cultura em valores. Participaram desse estudo atletas de futebol, do sexo masculino (jovens: 13 a 18 anos), do Sporting Clube de Braga. Utilizamos entrevistas semiestruturadas e análise de conteúdo, e a partir das respostas construímos um texto baseado na hermenêutica filosófica. Os resultados registraram um alto teor dos valores da *aretê* e da *paideia*.

Palavras-chave: Arete. Paidéia. Futebol.

INTRODUÇÃO

A época em que estamos vivendo pode ser caracterizada como um período de intensas, rápidas e profundas transformações. Ao entrarmos no novo milênio, deparamo-nos com um mundo emoldurado pelas surpreendentes transformações tecnológicas e científicas, pela impessoal globalização de mercados e pelo domínio da velocidade de informação e da comunicação social. Além disso, estamos diante de novos (antigos) desafios, com o reacender da intolerância religiosa, o ressurgimento de embates culturais, os desequilíbrios ambientais e a permanente retórica da importância e necessidade do desenvolvimento econômico. Não é por outro motivo que constantemente nos deparamos com congressos, seminários e outros eventos em que a discussão gira em torno dos desafios enfrentados pela educação e de seus atores pedagógicos.

O desporto, como forma de educação, não fica imune às dificuldades e aos desafios que nos são impostos pela atualidade, porém essa

atividade, dado o seu alto significado humano, cultural, educativo, social e axiológico, tem a possibilidade de registrar experiências que marcam a formação do homem. A realidade da pedagogia do desporto fundamenta-se na relação entre o homem no mundo (desportivo) e os sentidos pelos quais ele se encontra nesse mundo. Sendo assim, cabe a tentativa de elucidar a importância que cada uma dessas esferas (educação e desporto) tem e pode desempenhar, na promoção de uma cultura de valores na qual o homem possa ser formado na sua humanidade e enquanto sujeito de um processo de autoconhecimento. Em nosso estudo, partimos de uma investigação do espaço desportivo a fim de extrair substratos pedagógicos que expressem a riqueza de oportunidades advinda dessa prática.

Num rápido olhar sobre a nossa educação atual, vamos notar que a norma vigente, por exigência de governos e do mercado, é, predominantemente, a da formação para a entrada dos jovens na universidade e, depois, para a concorrência no mercado de trabalho,

¹ Este artigo foi baseado em uma pesquisa de Doutorado realizada na Universidade do Minho, Portugal, e está sob as normas desta Universidade

* Professor Adjunto da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do SUL, RS.

** Acadêmico de Licenciatura em Educação Física da Escola de Educação Física da UFRGS; Bolsista do Programa de Educação Tutorial (CAPES-MEC).

enquanto os cuidados éticos, humanos e culturais passam ao lado dessa formação, que mais não faz senão formar intelectos. Devido à necessidade cada vez maior de formar os jovens em larga escala, os nossos responsáveis pela educação deixam de lado a importância dos componentes pedagógicos como os da reflexão, da racionalidade, da expressão, da vocação e da devoção, valores imprescindíveis à formação (educação e cultura) do ser humano.

Por intermédio dos princípios e valores da *aretê* e da *paideia*, através de uma investigação que tenha como meta um mergulho no fundo da alma da cultura ocidental (a Grécia Arcaica, a Clássica e o Helenismo), retratada pedagógica e antropologicamente através do desporto, pretendemos pensar e expor algumas perspectivas e experiências, avaliar algumas razões e orientações encontradas na Cultura Clássica, bem como arregimentar saberes e meditações que levaram os homens daquela época a organizar um modelo de educação e de cultura em que imperavam a excelência e a virtude.

Bebendo dessa fonte, pensamos ser possível, ao recuperarmos os ideais contidos naquele modelo de formação humana, indicar algumas soluções que visem a reduzir não só as nossas incertezas em relação ao nosso futuro axiológico, mas também as nossas preocupações referentes aos crescentes reptos impostos, os quais não têm encontrado respostas eficazes na nossa cultura e na nossa educação. Trata-se, em última análise, de, por meio das *lentes* desportivas, conjugar princípios e atributos da *aretê* (excelência e virtude) à tendência de uma educação em valores (PATRÍCIO, 1993) e à finalidade de formação do homem através da edificação de um modo que o privilegie pela excelência do *saber*, do *ser*, do *ter*, do *estar* e, sobretudo, do *saber-fazer*, tanto técnico como ético (PATRÍCIO, 1993). Tendo como orientação a teoria sobre a *aretê*, propomos uma categoria de análise em que estudaremos a questão do desporto como meio de educação, a *Educare(tê)*. Por meio de entrevistas semiestruturadas com atletas dos escalões de formação do futebol, buscamos analisar em seus discursos a presença dos princípios e dos valores vinculados à *aretê* clássica que, em certa medida, atravessaram os tempos.

Como o nosso *corpus* do trabalho foi construído a partir de um discurso atual sobre o

desporto, elaboramos, a partir da categoria *Educare(tê)*, quatro subcategorias, nas quais constam algumas dimensões instaladas num processo de educação em valores: O Exemplo, Limites e Oportunidades, Conselho e Aprendizagem, e Valores do Desporto. Pelo exposto nas entrevistas, consideramos que os valores (especialmente aqueles apresentados pela *aretê*, vista a partir de diversas grandezas, e no caso deste estudo, a da Educação) estão entre os mais sublimes conteúdos da formação humana e constituem uma experiência, uma aproximação e uma tentativa, pela sua transversalidade, de unidade do ser humano. A *aretê*, que era um apelo à formação humana, mostra-se ainda hoje presente nos modelos atuais de educação desportiva; porém, nessa perspectiva educacional, é mais do que realizamos nos dias atuais, é uma *ar(e)te* na edificação humana.

METODOLOGIA

Processo de recolha de informações

Participaram deste estudo jogadores de futebol dos escalões de formação. Fizemos uma entrevista semiestruturada, tipo que, enquanto instrumento de recolha de informações, possibilita à pessoa revelar com liberdade discursiva as suas referências normativas, seu sistema de valores, suas experiências e símbolos (CAMPENHOUDT; QUIVY, 2003). Como o estudo visa especialmente a identificar valores ligados à prática desportiva, a escolha das entrevistas semiestruturadas deveu-se a dois motivos: 1) no contexto da investigação social é consenso que a entrevista é um instrumento que garante autenticidade e profundidade às informações recolhidas; 2) é claro que é pelo exame do sentido que as pessoas dão as suas experiências nos acontecimentos com os quais se veem confrontadas: os seus sistemas de valores, as suas referências normativas, as suas interpretações de situações conflituosas ou não, as leituras que fazem das próprias experiências [...] (CAMPENHOUDT; QUIVY, 2003).

Grupo estudado

O grupo foi integrado por vinte jovens praticantes de futebol (quatro por categoria)

competitivo do Sporting Clube de Braga, que participavam dos campeonatos organizados pela Federação de Futebol de Portugal (J1 a J20) e distribuídos da seguinte maneira: 13 anos, iniciados B; 14 anos, iniciados A; 15 anos, juvenis B; 16 anos, juvenis A; 17 e 18 anos, juniores.

Aplicação das entrevistas

A entrevista foi realizada com os atletas das categorias de base, na sede do Sporting Clube de Braga, numa sala especialmente destinada a esse fim. As entrevistas foram recolhidas através do gravador com o sistema Digital Pocket Memo 9300/00 (digital) e, além disso, registamos anotações acerca da conduta do entrevistado (reações físicas, emocionais, pausas para reflexão, etc.). Como se tratava de um grupo de crianças e jovens, devido à não existência de comissões de ética no campo das Ciências do Desporto, seguimos de perto as recomendações do Conselho Nacional de Ética para as Ciências da Vida (declaração de Helsínquia – Helsinque – modificada em Edimburgo – outubro - 2000).

Procedimento analítico

Em face dos objetivos perseguidos e da forma de recolha da informação, os procedimentos analíticos situaram-se naquilo que é designado como “análise qualitativa”.

O que os atletas declararam é a expressão do que preconizam e sentem de forma explícita, como também a representação implícita (latente) de sentimentos inconscientes, do que resulta a necessidade de um esforço intelectual para a sua interpretação. Por isso enveredamos por um tipo de análise próximo da hermenêutica, amparado por autores do mundo da filosofia. De acordo com Ricoeur (s/d), toda “linguagem é metafórica”; portanto, essa comunicação, transformada em texto, apresenta uma subjectividade a qual possui uma rede própria de significações, valores e ideais.

DIÁLOGO ENTRE A EMPÍRICA E A ARETÊ EDUCARE(TÊ)

O desporto é uma oficina da manifestação humana e o desportista pode ser considerado como um artesão por excelência numa conjuntura local e prática de realizações e de

sublimações. O cenário da prática desportiva é sítio onde não há espaços para vacilo, vício e insensatez, e onde se enaltece e se honra aos que se dedicam a fazer o melhor, o agradável e o útil. O melhor é, para superar, superar-se e, superando-se, superar os seus adversários. Agradável é a satisfação de conquistar algo através do digno esforço pessoal e/ou coletivo e útil, porque gera o aperfeiçoamento físico, técnico, tático, comportamental e espiritual.

O desporto, como meio de educação, oferece uma agenda positiva e inspiradora, pois, conforme nos relata Bento (2006), ele é um construtor que se baseia num entendimento plural e num conceito representativo, agregador, sintetizador e unificador de dimensões biológicas, físicas, motoras, lúdicas, técnicas e táticas, culturais, mentais, espirituais, psicológicas, sociais e afetivas. O ato desportivo tem implícito tudo isso, sem o esgotar; o desporto possui um sentido abrangente e maior.

Aretê é um termo intraduzível para o português. Na maioria das vezes, especialmente em se tratando dos textos de Platão, o termo encontra-se traduzido pela palavra “excelência”. Os antigos romanos a traduziram por *uirtus*, mas, a partir dos textos religiosos, foi conhecida como virtude. No desporto, esse termo pode ser entendido, além do mosaico de valores a ele vinculado, como a arte e a excelência que se manifesta na ação desportiva.

Já o termo grego que normalmente se traduz por educação é *paideia*, inicialmente conhecida como crescimento físico ou criação de meninos. Foi no século V a.C. que essa palavra veio atender ao caráter de um ideal de formação do homem num sentido que englobava as atuais cultura, educação e formação, o que podemos notar através da reflexão sobre a *paideia* entendida como uma missão e meta de vida.

Jaeger (2003) considera que o fio condutor para estudar a formação do antigo homem grego é a *aretê*. Desse modo, o que podemos notar é que a *aretê* tornou-se um conteúdo de educação, cultura e formação do homem - seja este guerreiro, seja atleta e/ou cidadão -, sendo esse ideal entendido como uma missão e meta de vida.

A *paideia* tinha por finalidade a elevação do homem na sua totalidade. Assim, a educação passou a ser banhada por uma luz nova: já não

consistia apenas no desenvolvimento de certas capacidades, nem só na transmissão de dados de conhecimentos, mas em dar ao homem condições de alcançar o fim autêntico de uma vida (JAEGER, 2003), ou seja, o conhecimento sobre si e sobre o bem; uma tarefa ética que a educação abandonou e que nos cabe, pelo menos em certa medida, revelar, recuperar e difundir.

Foi a partir dessas reflexões que visualizamos a nossa categoria *educare(tê)*. Ao estudarmos essa identidade pedagógica e confrontá-la com o discurso dos atletas entrevistados, verificamos o surgimento das seguintes subcategorias: O exemplo; Limites e oportunidades; Conselho e aprendizagem; e Valores do desporto.

O exemplo

Uma das práticas nitidamente definidas da antiga civilização grega era a utilização do exemplo dos mais velhos e das sagas dos famosos heróis como meio de formação. Era a pedagogia do exemplo. Foi dessa maneira que os grandes homens (heróis e semideuses) foram formados. Por um lado, as “sagas encerram todo o tesouro dos bens espirituais que constituem a herança e o alimento de cada geração” (JAEGER, 2003, p. 58); e por outro, os ensinamentos de Quíron (o centauro) e Fênix (o educador de Aquiles) muitas vezes eram transmitidos pelo exemplo. Assim, a educação que os jovens recebiam era fruto “dos conselhos e dos exemplos de um mais velho [...]” (MARROU, 1969, p. 25).

Na consulta aos jovens encontramos: “*O Figo. A sua coerência, a sua vida...na vida pessoal e na vida futebolística*” (J2). Depois passaram à análise mais detalhada para definir o perfil do seu ídolo e exemplo:

“Figo, tanto dentro do campo como fora do campo[...] Dentro de campo é as qualidades dele... [...]. Joga para a equipa, mas a nível individual também é muito bom [...]. Como ele está fora do campo, a presença dele [...] O fato de usar a sua imagem...uma imagem conhecida por todo o mundo. Para ajudar crianças [...] pra todos” (J4).

Ainda sobre o mesmo atleta-exemplo, encontramos:

“O Figo. Quando vai para uma entrevista ele sabe o que dizer, [...] assim admiro muito no Figo [...] e depois as suas qualidades técnicas. A sua personalidade no mundo do futebol. Sei que tenta ajudar os jovens [...]. É uma fundação que os bens é pra ajudar; caridades” (J3).

“Talvez o Figo, pela sua maneira de [...] Acho que é um exemplo pra todos os jogadores, porque...através do mérito que ele teve, que ele conquistou [...] é um excelente jogador, é um dos melhores jogadores do mundo, e não se envaideceu” (J1).

E, acrescentam:

“O Figo e o Deco. A forma de jogar a sua técnica...a forma como eles encaram o jogo [...] e sua atitude dentro de campo, dão tudo pelo seu clube e já mostraram isso. Acho que são bons profissionais, pelo menos pelas entrevistas que ouço deles e pelo que leio, penso que são sinceros e bons desportistas” (J8).

O desfile de atributos relacionados ao comportamento técnico e das atitudes pessoais referentes aos atletas espelham o interesse e a predisposição dos entrevistados em valorizar a personalidade, a educação, a alma e o homem completo; e, com isso visualizamos, do mesmo modo que no período da Grécia Antiga, uma excelente forma de educação pelo exemplo. Jaeger (2003), ao discorrer sobre o tema do exemplo ou do modelo nos poemas de Homero, ressalta que o poeta

Louva e exalta o que no mundo é digno de elogio de louvor” e acrescenta que os exemplos míticos eram “para todas as situações imagináveis na vida em que um homem pode estar na presença de outro para aconselhar, advertir, admoestar, exortar e lhe proibir ou ordenar qualquer coisa (JARGER, 2003, p. 68).

A épica de Homero, tendo no seu interior o modelo de homem ideal, é, por natureza, a cobiçada ideia de um mundo ideal.

Seguindo o mesmo princípio já comentado, vamos notar outras configurações feitas pelos atletas da categoria de formação que dizem respeito a seus modelos desportivos. Atentemos para as qualidades que norteiam as escolhas: “*Há sim, o Rui Costa. A forma dele jogar [...] Honesto, humilde [...]*” (J10).

“*Nuno Gomes... Honestidade [...] A maneira como ele leva o futebol como uma coisa normal na vida. Não se enerva [...] faz o seu papel... [...] ao grupo*” (J9).

Honestidade, simplicidade, serenidade, cooperação e consciência do dever não é pouco para tão poucas palavras, ou seja, a capacidade desses jovens é especialmente precisa, quando se trata de reconhecer as virtudes de seus ídolos.

Limites e oportunidades

Saber lidar com as demarcações dos limites e das oportunidades parece ser um dos pilares da educação. Além do desporto, vale também para qualquer área da formação humana perguntarmos: até onde se pode ir na busca do êxito desportivo? Até que ponto podemos estimular, instigar, impulsionar, superar, vencer sem comprometer os limites da ética, das possibilidades, das necessidades e da dignidade? O fato é que, quando nos deparamos com os limites, estamos diante de uma oportunidade e, do mesmo modo, quando encontramos uma oportunidade, avistamos logo os seus limites. O desporto é uma atividade em que, permanentemente, crianças, jovens e adultos (e idosos também) enfrentam esse dilema.

Na opinião dos jovens,

“*Quando nós ultrapassamos as nossas dificuldades nós...nos conhecemos melhor...claro. Nós, se calhar, pensamos que temos uma certa limitação e se conseguimos ultrapassar, pronto, descobrimos algo novo em nós*” (J1).

A questão que se avizinha é a seguinte: será que superar uma limitação é uma possibilidade de nos conhecermos melhor? Para Sócrates, a verdadeira virtude era o autoconhecimento (JAEGER, 2003), e, à medida que se vão

enfrentando os desafios desportivos, vai-se descobrindo “*algo novo em nós*”. Essa autodescoberta vai, pouco a pouco, desenvolvendo a autonomia, e quem age com mais autonomia se conhece melhor. A confirmação vem através do julgamento:

“*Há momentos, há dificuldades que não são fáceis de ultrapassar [...]. Quando nós vencemos uma barreira, sentimo-nos bem, sentimo-nos contente com nós próprios, e assim começamos a nos conhecermos melhor, sabemos que temos qualidade para vencer outras barreiras*” (J5).

“*Por muito bem que eu jogue, acho que posso sempre fazer melhor [...] acho que nenhum jogo é perfeito*” (J7).

Parece que a perfeição é algo destinado aos deuses; sendo assim, os homens podem valer-se dos atributos ligados à *aretê* – que emanam dos deuses – a fim de empreender, passo a passo, a busca pela excelência:

“*Os momentos mais difíceis é que mostram a mim o quanto é que eu sou capaz de explorar. O quanto eu sou capaz de chegar a um patamar*” (J3).

A designação “*eu sou capaz*”, dita duas vezes, alude à ideia de autoconhecimento e de competência. Nas palavras de Adorno (2002, p. 67), pode não se tratar “de um “saber” absoluto, mas de um “saber” que se faz, de um *saber* que, humanamente, nunca se esgota, mas se constitui como tal na própria pesquisa contínua”, numa prontidão para fazer mais e melhor.

Durante uma competição desportiva, encontramos-nos a cada momento com as margens pedagógicas dos limites e das oportunidades, dividimos com os nossos companheiros de equipe, no caso do futebol, o esforço para conseguirmos bons resultados, que, na verdade, resultam do somatório de ações realizadas a cada momento de uma partida; por outro lado, confrontamos as nossas possibilidades e competências com as dos adversários:

“*A competição também é importante porque...competimos com alguém que*

(quer) sempre vencer, acho que isso é normal e ajuda-nos a desenvolver capacidades ganhadoras [...]” (J8).

A competição é uma força socializadora, porque, para competir, precisa-se dos demais; ninguém compete só. Só quem me reconhece como igual compete comigo e é capaz de camaradagem na rivalidade (SAVATER, 2000). É nessa relação socializadora que se aprende a desenvolver “*capacidades ganhadoras*” através da luta ética para vencer.

O homem é homem na relação com o outro, e sua formação pode ser um tanto maior se aprender a reconhecer a ética do seu esforço e a do adversário, na busca da vitória. Por isso, mais especial do que a vitória (que é muito importante) é o modo de conquistá-la:

“O objetivo é atingir o objetivo [...] se não feito por nós, se não sair do nosso trabalho e do nosso esforço não tem qualquer significado” (J6).

Na educação socrática podemos ver, pelas informações de Adorno (2002, p. 82), a seguinte consideração:

Sócrates [...] considera homem de verdade quem tem sempre consciência daquilo que é, das suas competências, e que sabe que não há acto bom, se tal não é fecundo, não se realiza bem, não é útil [...].

Não foi o que disse o nosso entrevistado? Ao referir-se com sabedoria à sua prática desportiva, à criança ou ao jovem, ele fortalece a tese de que o desporto é um rico meio pedagógico de formação.

Conselho e aprendizagem

Como já vimos, os ícones pedagógicos do período da Grécia Arcaica eram Quíron e Fênix (que podem ser vistos como arquétipos dos treinadores e professores atuais), os quais, seguindo a tradicional educação dos nobres guerreiros, procuravam desenvolver a aprendizagem de seus discípulos, entre outros meios, através dos seus conselhos.

Desse modo encontramos no conselho um verdadeiro tratado sobre a educação do homem. Também nos desportos a situação era a mesma:

a formação desportiva desenvolvia-se por meio do conselho dos mais velhos e dos ex-atletas. Cousineau (2004, p. 218) conta que um ex-campeão do pentatlo olímpico, chamado Iço, “reuniu seus conselhos num livro, publicado algum tempo depois de 444 a.C.”. Na verdade, a formação de homens e mulheres ao longo da existência humana se deu muito por intermédio dos conselhos dos avós, dos pais, dos amigos, o que ainda hoje é uma realidade. Basta sensibilidade e amor nas palavras para que o conselho produza o seu efeito.

Já os nossos entrevistados ponderaram o seguinte:

“Tenho o meu irmão mais velho que sempre me deu conselhos [...] pra tudo que eu ia fazer, pra jogos, pra tudo...Sinto-me bem, sei que ele quer o melhor pra mim e dá-me mais força e mais vontade” (J13).

Como é importante ter a sensação de segurança! O conselho pode chegar por intermédio de um irmão ou de qualquer outra pessoa e é, muitas vezes, a luz que ilumina um momento de obscuridade e de indecisão. Isso acontece há milênios, conforme aparece na *Ilíada* de Homero (Canto XXIII, 225-294): o sábio Nestor dá a seu filho todas as orientações para a competição que está prestes a começar.

“Pode pedir conselhos aos mais velhos aqui e todos ajudavam de certeza. Os pais podem dar apoio moral pra ele sentir bem [...]” (J6). Para esse entrevistado já aparece, ao lado da figura dos pais, uma pessoa mais velha – pode ser o treinador, um dirigente, o avô – que, ao ser solicitado, pode oferecer a sua experiência.

“O meu pai, ao fim do jogo, diz-me sempre o que eu falhei e o que não falhei, e isso entra-me e eu venho para os treinos, tento corrigir nos treinos, de maneira que chega ao jogo e consiga fazer bem o que fiz mal no jogo anterior” (J17).

A orientação permanente é uma prova de carinho e, ao mesmo tempo, de cuidado. Os jovens parecem levar isso em consideração e procuram seguir os conselhos paternos.

“Ouvir sempre coisas de jogadores que já passaram, como o mister Carlos Batista, que foi meu treinador e jogou [...] no Porto, no Braga. Ouvir conselhos desses, dessa gente [...] é sempre bem-vindo. [...] ouvir sempre os conselhos dos mais velhos” (J11).

Por essa declaração, o conselho, por ser bem-vindo, é um bem; por isso a maioria procura segui-lo: *“[...] os treinadores dizem para nós fazermos e tento fazer o que eles dizem”* (J20). Hesíodo aproximadamente três mil anos atrás, já avisava: *“[...] bom é aquele que obedece a quem bem o aconselha”* (Trabalhos e Dias, 295).

Valores do desporto

A constatação de Garcia (2005) é que uma escola (ou desporto) que não procure a virtude e/ou a excelência (*aretê*) não pode ser considerada como um verdadeiro local de educação. Essa declaração nos remete à reflexão acerca do significado axiológico da prática desportiva, uma vez que, muito acima dos resultados (vitória ou derrota), estão os valores que iluminam a atividade desportiva e fazem dela, mais do que uma competição agônica, uma diversão, uma recreação, um lazer.

Na prática desportiva, o adversário desportivo é um mestre que nos ajuda a construir e a fortalecer não somente os músculos e a técnica, mas principalmente o nosso caráter, a nossa índole e o nosso espírito, bens que exprimem a qualidade da nossa essência humana. Como constatou Bento (1995, p. 303):

“Como elemento da civilização, o desporto é um sistema de valores espirituais, uma prática cultural para espiritualizar o mais possível a dimensão física, motora e biológica do homem, para esclarecer e legitimar, para dignificar e elevar”.

Na vida prática, o desporto ensina como portar-se no mundo, como reagir ante as circunstâncias imprevistas, como lidar com as diferenças e as dificuldades, como encarar a vida de modo otimista e superior, como olhar os desafios como um projeto de autoconhecimento

e como ser a exposição prática dos valores da pessoa humana.

Nesta matéria, vejamos o que os jovens desportistas nos têm a dizer:

“[...] o desporto nos ensina a viver da forma mais correta possível. Quando uma pessoa está ocupada com o desporto [...] a cabeça dele [...] está muito virada para este desporto e [...] há coisas que neste caso devo falar de drogas e tudo que uma pessoa não liga não [...]” (J11).

Já vimos que nessa temática o desporto encontra-se à frente da prática social, quando impõe uma luta sem tréguas ao uso de drogas em seu campo de ação. Ao que parece, o nosso entrevistado está se referindo ao uso de drogas no âmbito da sociedade e, para isso, Garcia (2006, p. 16) oferece a seguinte constatação: *“Veja-se ainda que uma das formas mais comuns para evitar que os jovens sigam as veredas da marginalidade e do consumo de drogas é promover a prática desportiva”*. Ouçamos um dos nossos entrevistados:

“Divertir-me, abstrair de tudo que passa no dia a dia, mas [...] saúde também e [...] gostar daquilo que faz. Respeitar toda a gente [...] Ser pontual, nós aqui cumprimos horário e lá fora tento cumprir também, já estou habituado [...] Se nós no desporto [...] respeitamos toda a gente, sabemos ouvir este e aquele, na vida pessoal também o fazemos e a maneira de pensarmos no desporto também transmitimos pra vida pessoal” (J17).

O desporto, particularmente o futebol, constitui-se, pela sua prática e pela sua essência, como um processo lúdico (MURAD, 2004). Verificamos que a palavra “diversão” aponta e confirma esse sentido lúdico que o desporto possui e o encaminha para outros sentimentos relacionados com o fazer e o estar desportivos: alegria, contentamento, prazer, “gostar”, etc.

Quanto à noção de “abstrair dos problemas”, consideramos que ela pode ser analisada através da contribuição de Costa (2006, p. 51), quando diz: *“Na ordem do imaginário, a aventura desportiva constitui um êxito na ascensão para o sublime contra o risco*

de atolamento numa vida prosaica, ordinária e banal”. Respeito e responsabilidade são valores demarcatórios da vida em sociedade, quer no grupo dos heróis antigos, quer no grupo dos cavaleiros medievais, quer ainda no âmbito do desporto e da vida atual, pois, conforme Jaeger (2003), os grandes heróis tratavam-se mutuamente com zeloso respeito e conheciam bem a sua responsabilidade social. Sobre a palavra “hábito”, parece que ela está dirigida para um contexto de aprendizagem de outros valores; por isso, para Aristóteles (Ética a Nicômaco, 1103a, 30), “com as virtudes [...]: adquirimo-las pelo exercício [...]. Efetivamente, as coisas que temos de aprender antes de poder fazê-las, aprendemo-las fazendo [...]”. Por isso a conclusão do nosso entrevistado de que “a maneira de pensarmos no desporto também transmitimos pra vida pessoal” encontra-se materializada no contexto do seu discurso.

“Respeitar as pessoas mais velhas aqui do Braga. Respeitar sempre o adversário e ter amor ao clube [...]” (J5). Conforme a citação de outros companheiros de clube, o jovem considera o valor do respeito. Só que agora esse valor acompanha a relação com os mais velhos e com os adversários. Acrescenta, no entanto, o valor do amor pelo clube desportivo. Amor ao clube e amor à cidade; o primeiro é o ideal atualizado e o segundo é o ideal da Antiga Grécia; ontem, como hoje, vemos despontar a *aretê* da pólis. “A pólis educa o cidadão e modela-o” (FERREIRA, 1996, p. 79). O clube tem possibilidade de fazer o mesmo, para isso basta pressentir o amor que os jovens sentem por ele.

“[...] no futebol não ensina só futebol [...] ensina-nos muitas coisas diferentes, por exemplo: sermos homens para o futuro, a ter mais respeito pelos outros, além da própria humildade [...]” (J9).

Interpretamos que o desporto (futebol), pelo seu caráter pedagógico (antropagógico), enquanto uma atividade motora, desenvolve e aprimora as forças físicas, motoras, volitivas e outras; ao mesmo tempo, pelo seu cariz axiológico, enquanto se treina vão-se evidenciando e disponibilizando os mais autênticos valores à formação humana: formação

do homem enquanto criança (PATRÍCIO, 1992), respeito e humildade, a saber, a pedagogia da modéstia e da humildade, a mais alta pedagogia humana (BENTO, 1999).

“Porque aprendemos sempre coisas novas com o desporto e uma coisa que fascina qualquer pessoa, não só o futebol mas todas modalidades. Ah! E a conhecer melhor as pessoas [...]” (J14).

A citação agora envolve a noção de aprendizagem e de relacionamento (amizade, cooperação, etc.), que já tivemos oportunidade de discutir; entretanto surge um novo valor: o da fascinação, “uma coisa que fascina qualquer pessoa, não só o futebol mas todas modalidades”. Aquilo que nos fascina também nos atrai, nos arrebatava, nos encanta e é o nosso objeto de adoração; tem uma dimensão sagrada e, por isso, de difícil acesso para qualquer pessoa que não seja a própria. Quantas tarefas, acontecimentos, relacionamentos, saberes, entre outros, podemos dizer que nos fascinam?

Foi muito por causa do fascínio pelo desporto, aqui lembrado pelo nosso entrevistado, que a cultura grega se edificou. Em nosso entendimento, o fascínio que sentimos pelos desportos é causado por uma eventual harmonia e equilíbrio entre as dimensões lúdica e agônica da *aretê*, o que, na percepção de Huizinga (2003, p. 85), é dizer que a esse “sentido lúdico está inseparavelmente ligado um espírito que aspira à honra, à dignidade, à superioridade e à beleza” - sentido, princípios e valores que expressam a mais tradicional *aretê* e que, repetimos, “fascinam qualquer pessoa”.

Por uma pedagogia desportiva alicerçada em valores

Na cultura grega (arcaica e clássica) podemos notar, pelas sagas dos grandes heróis míticos, pelos feitos dos heróis desportivos, pela vida ética dos grandes sábios e pelo simbolismo da mitologia, uma profusão de grandes exemplos que se constituíam num enorme tesouro pedagógico para enriquecer a formação das crianças, dos jovens e dos adultos daquela época.

Os tempos antigos se foram, mas a inspiração pedagógica do **exemplo** permaneceu.

É bem verdade que o período em que estamos vivendo carece, em todos os setores da atuação humana, de grandes e bons exemplos. Apesar da indiferença, muitas vezes anotada por educadores, sociólogos, psicólogos e outros profissionais sobre a importância e o significado do tema do exemplo, consideramos e constatamos que a sua força constitui-se num propósito especialmente instrutivo e orientador, portanto, educativo para todas as pessoas que, de alguma maneira, estão envolvidas na prática de um desporto.

Além da habilidade técnica e da virtuosidade desportiva, os jovens elegem como seus modelos de atleta desportivo aqueles que apresentam características para além do campo de futebol. Um exemplo bem escolhido é uma referência a ser consultada a cada momento da vida desses jovens. Sendo assim, podemos considerar que o exemplo desportivo funciona como um elo de educação tanto na prática quanto em valores. Esse modelo - segundo Jaeger (2003), de validade universal -, procede direta e intimamente da ideia de modelo da ética da *aretê* desde os tempos de Homero.

Tanto os **limites** como as **possibilidades** são as margens pedagógicas pelas quais se orienta a vida desportiva e pessoal. No desporto há limites que devem ser observados (dos quais entre os mais importantes estão os éticos e os físicos) e, ao mesmo tempo, a *performance* desportiva, que, através das inúmeras e variadas oportunidades, oferece condições para cada pessoa testar os seus limites e superá-los, encontrando assim uma nova oportunidade de autoconhecimento e de transcendência.

Lidar com os limites e não se submeter a limitações é uma tarefa pedagógica que envolve sensibilidade, respeito, consideração e, ao mesmo tempo, autoridade, disciplina, ética e perseverança. Por isso a escola e o clube desportivo, assim como professores e treinadores, fortalecendo os laços de união pedagógica, podem desenvolver e aprimorar estratégias que visem a uma educação em valores, oferecendo limites e, ao mesmo tempo, oportunidades com vistas à excelência na formação do homem.

Ao tratarmos desse tema é impossível não lembrar os grandes mestres dos antigos heróis gregos, Quíron (o centauro) e Fênix (o sábio

mestre de Aquiles), os quais utilizavam os **conselhos** como meio de desenvolver a **aprendizagem** de seus *alunos* em diversas áreas de atuação, como, por exemplo, discursos, hábitos, comportamentos, e também a luta, a culinária, a medicina, etc... Igualmente, não podemos esquecer que Sócrates era, podemos considerar, um verdadeiro conselheiro do povo ateniense.

Ao longo dos anos o conselho de alguém próximo (pai, amigo, parente, professor, treinador, entre outros) sempre serviu, na maioria das vezes, para organizar um pensamento, para identificar a saída de uma crise, para prevenir contrariedades e para incentivar na conquista de um objetivo. Por isso o conselho, desde a ótica da excelência na educação, é um instrumento especialmente esclarecedor e orientador e do qual somente aqueles que nos querem bem fazem uso.

Os **valores no desporto** repousam; a *aretê* é um valor (PATRÍCIO, 2005); o desporto é permeado pelos valores das dimensões agônica e lúdica da *aretê*. Patrício (1993) reclama uma educação em valores e Bento (2006) decreta que o desporto exibe um estatuto moral e cultural por ser um jogo de competição. O inventário referente à relação do desporto com o sentido mais nobre da educação é imenso, e este trabalho, pelo menos em parte, procurou refletir e discutir sobre isso.

Verificamos que os nossos entrevistados realizaram uma composição em que se encontram frases e palavras referentes a uma estreita sintonia entre os valores do desporto e a educação. Já nos tempos da Grécia Antiga os valores do desporto eram exaltados por todos os homens, mas, particularmente, os grandes filósofos aconselhavam a todos que buscassem aprimorar a sua forma desportiva, porque, conforme , apontou Sócrates (Ditos e Feitos Memoráveis de Sócrates, III, 12, 8), “é sumamente deplorável envelhecer em meio ao puro descuido, sem perceber em que tipo de ser humano é possível se tornar promovendo a força e a beleza física ao seu grau máximo”: um ser humano de excelência física, mental, emocional e espiritual formado pela educação do desafio, da imaginação, da sensibilidade e da totalidade.

CONCLUSÕES

Pelo que foi exposto, somos inclinados a interpretar que, por um lado, o desporto possui uma estrutura pedagógica e cultural valiosa, capaz de ajudar a fincar as bases da educação e da formação das crianças e dos jovens (e dos adultos) de modo total e integral (uma autêntica *paideia* desportiva), e por outro, há uma especial sensibilidade, por parte dos jovens atletas, na observação e aplicação de valores que orientam para a vida.

Notamos nos apontamentos verbais dos jovens atletas a importância dada ao valor do exemplo, do limite e das possibilidades, do conselho e da aprendizagem e do significado que a educação desportiva, exposta pelos valores contidos nessa prática, tem para a vida desse grupo consultado.

Como hoje, há centenas de anos os jovens valorizavam a prática desportiva, especialmente porque ali se apresentava o valor dos indivíduos, tarefa que os atletas aproveitavam para expor a sua *aretê*. Tanto a competição (*agon*) como o treino eram espaços de expressão e de exposição de valores como a força, a determinação, o respeito, a superação, a coragem, a sensatez, a satisfação, o fascínio, a dor, o sofrimento e todas as demais *aretai* que, de um modo ou de outro, foram descritos pelo nosso grupo de jovens atletas.

Na perspectiva de uma educação refinada e elevada, bem como de uma cultura sagrada, consideramos que, ao competir nos limites das suas forças em busca de uma vitória, o atleta desportivo encarna o espírito da *aretê* agônica, cuja expressão é maior do que a própria

competição, pois ele, na verdade, trava, simbólica e objetivamente, um grande combate interno contra as suas limitações, contra os seus medos, exercitando-se nos valores e procurando desse modo vencer a si mesmo, o seu verdadeiro e maior adversário; e o homem, por mediação dessa inspiração, expõe-se a uma competição de dimensão épica.

O ser humano cria os desportos, participa deles e ao mesmo tempo é recriado por eles, o que constitui, simbolicamente, um exemplo de intimidade da criação e recriação de um mundo pedagógico de autorrealização: uma mensagem axiológica que fomenta uma pedagogia desportiva cuja essência é a *paideia*.

Por essa luz, entendemos que as palavras proferidas pelos nossos entrevistados, além de nos alertar, incentivar-nos e inspirar-nos na assunção de uma educação em valores, ajudam-nos a perceber que a atividade docente, em todas as áreas e na do desporto em particular, não deveria apenas contentar-se com o ensino da atividade intelectual, motora ou desportiva, mas deveria incentivar e levar o jovem a reconhecer, na prática dessas atividades, aquilo que faz a diferença na formação de uma personalidade sadia do caráter e da alma. Pelo menos foi isso que conseguimos depreender resumidamente da mensagem veiculada pelos jovens aqui consultados.

Um dos mais altos ideais da educação desportiva é o de arregimentar uma constelação de valores para fazer cumprir a verdadeira finalidade da educação: a formação do homem por inteiro.

EDUCARE(TÊ): THE SPORT AS AN EXPRESSION OF VALUES

ABSTRACT

In the new millennium, we face a world of technological change with the globalization of markets and impersonal with the (increasing) speed of information. Sport seen from the perspective of education, have the possibility to record experiences that encompass the formation of man. This study aimed to reveal the principles of the arete (excellence) and paideia that are present in the discourse of athletes (soccer), and thus we took the opportunity to reflect on the sport to qualify as a pedagogical agent in promoting a culture in values. Study participants were soccer players, male (young: 13-18 years), from Sporting Clube of Braga. We used semi-structured interviews, content analysis and from the responses we constructed a text based on philosophical hermeneutics. The results indicated a high content of the values of arete and paideia.

Keywords: Aretê. Paideia. Soccer.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, F. **Sócrates**. Lisboa: Edições 70, 2002.
- ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Tradução: Pietro Nassetti. São Paulo: Editora Martin Claret, 2004.
- BENTO, J. Contexto e Perspectivas. In: Bento, J.; Garcia, R.; Graça, A. **Contextos da Pedagogia do desporto**. Lisboa: Livros Horizonte, 1999. cap. 20, p.19-110.
- BENTO, J. **O outro lado do desporto**. Porto: Campo das Letras Editores, 1995.
- BENTO, J. Pedagogia do desporto: definições, conceitos e orientações. In: TANI, G.; BENTO, J.; PETERSEN, R. **Pedagogia do desporto**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. cap. 20, p. 3-97.
- CAMPENHOUDT, L; QUIVY, R. **Manual de investigação em Ciências Sociais**. Portugal: Grádiva Publicações, 2003.
- COSTA, A. Desporto e Antropologia. In: Pereira, A.; Costa, A.; Garcia, R. **O desporto entre lugares**. Porto: Faculdade de Desporto da UP, 2006. cap. 20, p. 37-72.
- COUSINEAU, P. **O ideal olímpico e o héroi de cada dia**. São Paulo: Mercury, 2004.
- FERREIRA, J. **Civilizações clássicas I: Grécia**. Lisboa: Universidade Aberta, 1996.
- GARCIA, R. Olimpismo: um apelo à transcendência humana. In: **Temas atuais XI**. Belo Horizonte: EEFETO-UFMG e Casa da Educação Física, 2006.
- GARCIA, R.; LEMOS, K. **Temas (quase éticos) de desporto**. Belo Horizonte: Casa da Educação Física, 2005.
- HESÍODO. **Trabalhos e dias**. Tradução de Ana Elias Pinheiro e de José Ribeiro Ferreira. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005.
- HOMERO. **Ilíada**. Tradução de Frederico Lourenço. Lisboa: Livros Cotovia, 2005.
- HUIZINGA, J. **Homo Ludens**. Lisboa: Edições 70, 2003.
- JAEGER, W. **Paidéia: a formação do homem Grego**. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda, 2003.
- MARROU, H. **História da Educação na antiguidade**. São Paulo: Edusp, 1969.
- MURAD, M. **Das relações, fronteiras e questionamentos entre violência e futebol: fundamentos antropológicos, sociológicos e estudo-de-caso no Clube de Regatas Vasco da Gama (Rio de Janeiro/Brasil) e no Futebol Clube do Porto (Portugal)**. 2004. Tese (Doutorado em Desporto)-Faculdade de Ciências do Desporto, Universidade do Porto, Porto, 2004.
- PATRÍCIO, M. **A pedagogia de Leonardo Coimbra: teoria e prática**. Porto: Porto Editora, 1992.
- PATRÍCIO, M. **Lições de axiologia educacional**. Lisboa: Universidade Aberta, 1993.
- PATRÍCIO, M. Perenidade da Aretê como Horizonte Apelativo da Paideia. Sobre a Excelência em Educação. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, Porto, v. 8, n. 2, p. 287-295, 2008.
- RICOEUR, P. **Do texto à ação**. Porto: Res Editora, [198?].
- SAVATER, F. **O meu Dicionário Filosófico**. Lisboa: Dom Quixote, 2000.
- XENOFONTE. **Ditos e Feitos Memoráveis de Sócrates**. Tradução: Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2006.

Recebido em 05/05/2010

Revisado em 19/11/2010

Aceito em 13/03/2011

Endereço para correspondência: Alberto de Oliveira Monteiro. R. João Wallig, 687, apto 303, bloco F, Bairro Passo da Areia, CEP 91340-000, Porto Alegre-RS. E-mail: 00006908@ufrgs.br